

UNILAB – Instituto de Humanidades e Letras
Programa de Extensão Biblioteca Náutica - NYEMBA
Profa. Dra. Maria Cláudia Cardoso Ferreira

Formação para a educação das relações étnico-raciais – Município de Maragogipe -
(11/ 07/2017)

O que orienta a legislação?

Parecer CNE/CP nº 03/04 formar professores para abordar os conteúdos das relações étnico-raciais nas [...] “diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferente pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas. Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las, para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferente pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas. Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las.” (BRASIL, 2004, p. 17).

Qual o caminho na educação básica, em especial ensino fundamental I?
Trabalhar com a TRANSVERSALIDADE e a INTERDISCIPLINARIDADE

TRANSDISCIPLINARIDADE

Abordagem científica que visa a unidade do conhecimento articulando conhecimentos que passam ENTRE, ALÉM, ATRAVÉS das disciplinas e assim alcançar a COMPLEXIDADE do mundo real (ROCHA FILHO, 2007).

INTERDISCIPLINARIDADE

Trata-se de uma abordagem do conhecimento que busca combinar disciplinas que têm ações correlatas, ou seja, que propiciam alguma comunicação entre si. A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade. A escola é disciplinar, mas a vida não.

Quais exemplos cotidianos nos mostram que a vida é interdisciplinar?

A trans/interdisciplinaridade na abordagem da Lei 10.639/2003:

“[...] a africanidade brasileira abrange diferentes áreas, não precisam, em termos de programas de ensino, constituir-se numa única disciplina, pois podem estar presentes, em conteúdos e metodologias, nas diferentes disciplinas constitutivas do currículo escolar” (SILVA, Petronilha. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. 2005, apud OLIVEIRA, 2012).

A Lei destaca a necessidade de inserir “novos” conteúdos em todas as disciplinas da grade curricular, destacando o caráter imediato nas disciplinas de história, artes e literatura, mas também problematiza o repensar crítico dos “antigos conteúdos” de forma a garantir a diversidade.

Transversalizar a temática das relações étnico raciais no âmbito de todo currículo, é entender que nem sempre é necessária a criação de um novo projeto, mas que esta temática seja inserida nos projetos já existentes (OLIVEIRA, 2012).

1. Reflita sobre o trabalho que vocês já vêm desenvolvendo (sala de aula ou coordenação pedagógica) e elenque as situações nas quais a abordagem étnico-racial já pode ser contemplada, sem precisar de qualquer formação adicional.

2. Elabore um roteiro com 3 possibilidades transdisciplinares de implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, no âmbito do ensino interdisciplinar de ciências, educação física e língua portuguesa ou artes, língua portuguesa e história.

TRABALHO EM GRUPO

Em 10 de junho de 2006, o antropólogo e historiador baiano Luiz Mott concedeu a seguinte entrevista ao Portal do Sertão:

“Esperança Garcia foi uma escrava moradora numa das dezenas de fazendas que com a expulsão dos Jesuítas, passaram para a administração governamental, e que em 1770 escreveu uma carta ao Governador do Piauí denunciando os maus-tratos de que era vítima por parte do feitor da fazenda. Salvo erro, é a segunda carta mais antiga até agora conhecida no Brasil manuscrita e assinada por uma escrava negra, e que revela não só os sofrimentos a que estavam condenados os cativos, como o fato de já nos meados do Século XVIII haver mulheres negras alfabetizadas e suficientemente “politizadas” para reivindicar seus direitos e denunciar às autoridades os desmandos de prepostos mais violentos. Além da felicidade de ter descoberto documento tão importante e raro, minha alegria foi maior ainda quando, anos depois, esta negra, até então desconhecida, passou a simbolizar o ideal de liberdade dos negros do Piauí: foi dado o nome de Esperança Garcia a um hospital em Nazaré do Piauí, em Teresina há o Coletivo de Mulheres Negras “Esperança Garcia” e o dia em que ela datou sua carta, 6 de setembro, passou,

por lei, a ser comemorado o Dia Estadual da Consciência Negra. Para um historiador é a glória ter um seu “personagem” ressuscitado e elevado a tantas homenagens dois séculos depois de sua morte”.

Disponível em <http://www.overmundo.com.br/overblog/luiz-mott-cidadao-piauiense> acesso 12/01/2015

CARTA

DOC. 1) "Eu sou hua escrava de V. Sa. administração de Capam. Ant^o Vieira de Couto, cazada. Desde que o Capam. lá foi adeministrar, q. me tirou da fazenda dos algodois, aonde vevia com meu marido, para ser cozinheira de sua caza, onde nella passo mto mal. A primeira hé q. ha grandes trovoadas de pancadas em hum filho nem sendo uhã criança q. lhe fez extrair sangue pella boca, em mim não poço esplicar q. sou hu colcham de pancadas, tanto q. cahy huã vez do sobrado abaccho peiada, por mezericordia de Ds. esCapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres annos. E huã criança minha e duas mais por batizar. Pello q. Peço a V.S. pello amor de Ds. e do seu Valimto. ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Procurador que mande p. a fazda. aonde elle me tirou pa eu viver com meu marido e batizar minha filha q.

De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia”

*A carta acima data de 06 de setembro de 1770

CARTA (português atualizado)

"Eu sou uma escrava de V.S.a administração de Capitão Antonio Vieira de Couto, casada. Desde que o Capitão lá foi administrar, que me tirou da Fazenda dos Algodões, aonde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa, onde nela passo tão mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho nem, sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca; em mim não poço explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo, peada, por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar a três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Pelo que peço a V.S. pelo amor de Deus e do seu valimento, ponha aos olhos em mim, ordenando ao Procurador que mande para a fazenda aonde ele me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha.

De V.Sa. sua escrava, Esperança Garcia"

(Citado por <http://esperanca-garcia.blogspot.com.br/p/esperanca-garcia.html>)
acesso em 12/01/2015

C) Considere as Diretrizes Curriculares Nacionais que instituíram o ensino de história e cultura afro-brasileira, com a aprovação da Lei 10.639/2003, e explique como a reportagem sobre a descoberta de Luis Mott e a própria carta de Esperança Garcia podem ser utilizados na sua sala de aula. Apresente os temas transversais que cabem o material suscita e as áreas disciplinares que dialogam. Proponha atividades interdisciplinares.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES/RELATOS DE EXPERIÊNCIAS 26/2/2007 - Brasil - Revista Nova Escola

Preconceito, está no dicionário, é "qualquer opinião ou sentimento, favorável ou desfavorável, concebido sem exame crítico, conhecimento ou razão". Portanto, é coisa pensada, raciocínio elaborado, restrito aos adultos, certo? Errado. Nem as crianças pequenas estão imunes às múltiplas formas de discriminação. Acompanhe o que a professora Rita de Cássia Silva Santos vivenciou no Centro Municipal de Educação Infantil Creche Vovô Zezinho, em Salvador. Certo dia, ela trouxe para a sala de aula bonecos com vários tons de pele e fotos com pessoas de características físicas distintas. Uma das crianças, Brenda, na época com 3 anos e meio, apontou a fotografia de uma menina negra e disse que "era feia". - Por que feia?, perguntou a professora. - Porque ela é igual a mim, respondeu a garota. É por isso que o combate a todas as formas de preconceito deve ser prioridade desde os primeiros anos da Educação Infantil. "O sucesso escolar está ligado a uma boa formação. E esse sucesso depende muito da relação que a criança tem com a escola", destaca o sociólogo Valter Roberto Silvério, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). No Brasil, as estatísticas refletem essa realidade: os negros são 45,5% da população, mas têm nível de escolaridade menor que os brancos. Silvério e outros pesquisadores que estudam as relações raciais na escola afirmam que o tratamento diferenciado dentro da sala de aula é um dos fatores que contribuem para o baixo rendimento das crianças negras. Para começar, é preciso deixar os clichês de lado. Nada de acreditar que todos somos iguais - e ponto. Antes de mais nada, é essencial reconhecer que existem as diferenças. "Infelizmente, muitas escolas reproduzem a discriminação racial e muitos professores não apresentam propostas pedagógicas para se contrapor a essas situações", opina a pedagoga Lucimar Rosa Dias, especialista em Educação e relações raciais e membro da Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados a Educação dos Afro-Brasileiros, do Ministério da Educação. Em seu doutorado, Lucimar está investigando como as relações raciais são abordadas em creches brasileiras. Uma de suas conclusões é a de que o combate à discriminação na sala de aula beneficia todas as crianças. "O acesso a um ambiente que estimula o respeito à diversidade ajuda a formar jovens mais respeitadores, mais educados e mais preocupados com a coletividade."

Contador de histórias

A professora Rita, citada no início desta reportagem, acredita piamente nisso. Ela criou o projeto Griô, palavra de origem africana que significa "contador de histórias", para valorizar a identidade racial das crianças. Em sua escola, 89 dos 150 matriculados são afrodescendentes, mas poucos conheciam a cultura de seus antepassados. De início, ela promoveu rodas de conversa, localizou a África num globo terrestre e apresentou Vovô Zezinho e Maria Chiquinha, um casal de bonecos pretos que virou mascote da turma. Rita escolheu sete contos

que exploram a africanidade e associou cada um deles a uma atividade diferente (o conhecimento da cultura afro, por exemplo, ampliou-se com uma atividade de sensibilização). Para o primeiro conto, Aguemon, que trata do nascimento da Terra, ela trouxe para a escola sementes de várias texturas, cores e tamanhos. Na segunda história, Xangô e o Trovão, cada criança identificou as partes do corpo e as diferenças entre meninos e meninas. Duas histórias do livro Ilê Ifé: O Sonho do Aiô e Afonjá deram origem às seguintes atividades: Após a fatura e A Terra mexida e plantada dá frutos, todos plantaram sementes no jardim para aprender que também as pessoas precisam de respeito e cuidados, e a história Ossain, o Protetor das Folhas inspirou uma tarde de chás, produzidos com ervas da flora brasileira, com a participação dos pais. Os familiares também foram mobilizados para ajudar na produção de panôs (um tipo de artesanato de origem africana em que vários retalhos, de diferentes tamanhos e cores, são reunidos para representar a diversidade) inspirados por Bruna e a Galinha d'Angola. E funcionárias da escola ajudaram a fazer birotos nos cabelos das meninas depois que a professora leu para as crianças o livro As Tranças de Bintou. Brenda, a que se achava feia, logo percebeu que existem vários padrões de beleza. O projeto exigiu muita dedicação de Rita, mas lhe rendeu o primeiro lugar no prêmio Educar para a Igualdade Social, promovido pelo Centro de Estudos das Relações do Trabalho e da Desigualdade no ano passado. "Hoje, os pequenos se sentem mais seguros e respeitam mais os funcionários da casa", afirma a professora.

Pequenas sensações

Em Campinas, interior de São Paulo, a professora Elaine Cassan também usou histórias para dar uma abordagem pedagógica ao tema etnia na EMEI Iniciação/Pezinhos Descalços. Tudo começou com uma brincadeira sutil: deixar as crianças experimentarem o toque, nos cabelos umas das outras, para perceber que nem todo mundo é igual. Em seguida, elas representaram essas sensações em bonecos de massinha. "Tanto o toque como a massa de modelar têm o objetivo de experimentar um contato prazeroso com o outro", explica Elaine. No ano passado, a professora Renata Esmi Laureano deu continuidade ao trabalho, que incluiu a produção de um "álbum da diversidade", com desenhos e colagens de fotos e gravuras com pessoas de todos os jeitos e gêneros. Os pais também participaram, resgatando fotografias de antepassados para que as crianças pudessem fazer uma árvore genealógica, descobrindo sua identidade familiar. Tudo para valorizar a individualidade e a história de cada um. Contos e filmes, como o desenho animado Kiriku e a Feiticeira, também foram mostrados para a garotada conhecer histórias de origem africana. As duas professoras compartilharam informações e reflexões com os colegas e promoveram até uma sessão só com intervalos de um canal de TV para as crianças mais velhas observarem os tipos físicos que aparecem nas propagandas. "Assim, pudemos reconhecer com eles as diferenças e abordar a questão do preconceito de forma crítica", lembra Renata.

TEXTOS DE SENSIBILIZAÇÃO

PORQUE SOU NEGRO

Eu tenho um paciente negro, de 8 anos, que é absurdamente inteligente. De família pobre, sua mãe, igualmente inteligente, fez, por conta própria, a árvore genealógica da família, de forma organizada, num caderno, cheio colagens e o mostrou durante a consulta.

Acontece que, há 4 gerações, o avô do avô dela era escravo. Logo após a abolição da escravatura, ele foi expulso da fazenda onde trabalhava por ser velho demais e acabou morando na rua, com uma família de 4 pessoas, até morrer de tuberculose.

O pai do avô dela, seu filho, teve que sustentar a família fazendo bicos e cometendo pequenos delitos, de forma que foi preso logo após engravidar a mãe do avô dela, dando origem, claro, ao avô dela.

Esse avô nasceu já sem pai, pois o mesmo faleceu na prisão, quando ele tinha 8 anos de idade. Cresceu sem possibilidade de estudo, tendo que trabalhar desde muito novo, para sustentar a mãe e 3 irmãos mais novos, de outra relação da mãe. Essas 4 crianças ficaram sozinhas quando ele tinha 15 anos, após o falecimento dela. Trabalhando em fazendas, teve 5 filhos, o quinto, seu pai.

Ele nunca foi à escola, cresceu na fazenda e quando ser tornou homem feito, casou-se e teve 4 filhos, incluindo essa mãe. Ela também cresceu na fazenda e não teve chance de estudar. Hoje, faz faxinas e faz questão de que os filhos estudem.

- Você é muito inteligente. - disse eu ao garoto.

- Obrigado.

- Já sabe o que vai ser quando você crescer?

- Já. Vou ser caminhoneiro.

- Mas não pensou em outra coisa, você tem muita capacidade, pode ser qualquer coisa!

- Bem, eu queria mesmo ser médico...

- Ora, então seja!!

- Não posso!

- Não pode? Não pode por que?

- Porque eu sou negro.

(Depoimento do médico João Paulo Porto, pediatra e neurologista infantil, em novembro de 2014) Disponível em http://www.huffpostbrasil.com/joao-paulo-porto/porque-eu-sou-negro_a_21680136/

DESIGUALDADES ENTRE NEGROS E BRANCOS.

RACISMO DESDE O BERÇO¹ (Adriane Hajerdorn)

Na década de 1940 o casal de psicólogos norte-americanos Kenneth e Mammie Clark desenvolveu um teste para pesquisar o racismo pela visão ingênua de

crianças. No estudo, eram apresentadas duas bonecas com fisionomias idênticas: uma de pele clara, e outra de pele negra. As crianças, que viviam em uma sociedade dividida entre brancos e negros respondiam aos questionamentos. Qual é a mais bonita? Qual é a mais feia? Qual é má? Qual é boa? E aí por diante. É de se imaginar que o resultado dessa pesquisa, em plena era de segregação racial tenha sido negativo – e bem negativo. As crianças apontavam as respostas de acordo com a educação que recebiam, em uma sociedade em que pessoas com a cor de pele diferentes não podiam dividir nem mesmo um banco de praça.

Mais de meio século mais tarde, em 2006, o documentarista Kiri Davis repetiu o experimento. A primeira parte do documentário – que você assiste na íntegra, abaixo (sete minutos) – é com garotas de 16 a 18 anos que falam sobre o cabelo ruim, o cabelo cacheado e como elas sentem a diferença do tom da pele, com quem passa a clareá-la ainda quando criança, ou quem alisa os fios com o incentivo da mãe. Na segunda parte, ele repete o teste das bonecas com crianças negras, e o resultado é surpreendente. Muitas delas, assim como as crianças de 1940, enxergam o branco como o bom e bonito, e o negro como o malvado e feio. O mais chocante é ver a relutância da menina ao precisar responder com qual boneca ela se parece:

O mesmo teste foi repetido no México. E mais uma vez, as crianças correm os olhos para as duas bonecas ao precisar responder com qual se parecem. Uma das garotas justifica que ela tem a maior parte do corpo branca, e só os braços e rosto moreno. Outro, opta pela boneca de tom claro e justifica que suas orelhas são parecidas com as da boneca.

A conclusão deste segundo vídeo, produzido pela instituição “Racismo en Mexico” divulgado com legenda em português pela Social Fly tem uma mensagem muito pertinente: “o racismo se transmite e se reproduz culturalmente”.

EXEMPLO DE TRABALHOS REALIZADOS

1) NOSSAS DIFERENÇAS

Conteúdo – Reinos e império da África Série – 7o. Ano (2011) Disciplinas (História e Francês).

AULA 1 50 MINUTOS

La différence (Salif Keita)

Je suis un noir
Ma peau est blanche
Et moi j'aime bien ça
C'est la différence qui est jolie

Je suis un blanc
Mon sang est noir
Et moi j'adore ça
C'est la différence qui est jolie

Je voudrais
que nous nous entendions dans l'amour
Que nous nous comprenions dans l'amour et dans la paix

(Refrain)
La vie sera belle
Chacun à son tour aura son amour

La vie sera belle
Chacun dans l'honneur
Aura son bonheur
La vie sera belle

Dô finai bai
Dô djélè
Dô kagni
Dô magni
O bai yé couleur kaon ka gnyoro dafa

(Refrain)
Ny y bai né faiY yé né ka fima fai
Fima bai né fai
Né finé dô
Ny y bai né faiY yé né ka djémai fai
Djémain bai né faiNé djélè do
Ny finaA li yérè kai é bachi yé
Allah yé fima dai

A diferença (Salif Keita)

Eu sou um negro
Minha pele é branca
E eu gosto disso
É a diferença que é bonita

Eu sou um branco
Meu sangue é negro
E eu adoro isso
É a diferença que é bonita

Eu gostaria
Que nós nos entendêssemos no amor
Que nós nos compreendêssemos no amor e na paz

(Refrão)
A vida será bela
Cada um terá seu amor

A vida será bela
Cada um na honra
Terá sua felicidade
A vida será bela

Dô finai bai
Dô djélè
Dô kagni
Dô magni
O bai yé couleur kaon ka gnyoro dafa

(Refrão)
Ny y bai né faiY yé né ka fima fai
Fima bai né fai
Né finé dô
Ny y bai né faiY yé né ka djémai fai
Djémain bai né faiNé djélè do
Ny finaA li yérè kai é bachi yé
Allah yé fima dai

Quem é o autor? Salif Keita é um músico e cantor da República do Mali, que tem uma história única, pois além de ser conhecido como A voz dourada da África, ele é albino e descendente direto de Sundiata Keita, o fundador do império Mali. Esta herança significa que Salif Keita nunca deveria ser um cantor, que é uma função desempenhada por Griots. Na cultura Mandinka, principal grupo populacional do Mali, os albinos dão azar e por isso Keita sofreu ostracismo.

1) Quem foi Sundiata Keita? (Veja no seu livro didático)

- 2) Qual a função social do Griot na sociedade malinense? Explique por que Keita está desempenhando uma função “errada”.
- 3) Leia com atenção a letra da música, considere as informações sobre o artista e procure explicar as razões que levaram Salif Keita compor a canção.

PARA CASA:

- 4) E você, como vive a sua diferença? Escreva um pequeno texto sobre a sua diferença.

AULA 2 (50 MINUTOS)

Quem é Salif Keïta?

Salif Keïta nasceu em 1949 em Djoliba, Mali. Chamado muitas vezes de Voz dourada da África, esse músico africano nasceu albino, em uma região onde os albinos são mal vistos em razão de considerarem tais pessoas como possuidoras de poderes maléficos. Salif Keïta é descendente direto do fundador do Império do Mali, Soundjata Keïta.

Após seus estudos, ele sonha em tornar-se professor, mas seu sonho não se torna realidade por ser mal-visto. Keïta decide, então, ser cantor, o que criará um escândalo em sua família. Tradicionalmente, a música no Mali é reservada à casta dos griots, e os Keïta são de uma família de príncipes. Rejeitado por sua família, Salif Keïta parte para Bamako em 1968. Ele passa, a partir dessa data a integrar vários grupos de música. Salif Keïta ficará conhecido, sobretudo, por interpretar um repertório de canções tradicionais tocados de maneira mais moderna.

Em decorrência das perseguições políticas ocorridas no Mali na década de 1970 por conta do regime militar instalado no país, Keïta refugia-se na Costa do Marfim e, mais tarde, segue rumo a Europa, onde se consagrará internacionalmente junto a vários outros artistas africanos.

Em 2007, Salif Keïta foi candidato nas eleições legislativas do Mali, mas não conseguiu se eleger. Em julho de 2010, o presidente da comissão da União Africana nomeou Salif Keïta como Embaixador da Paz, a fim de apoiar os esforços da Comissão para resolver os conflitos e promover a paz no continente.

Questões:

Após a análise da música “La différence” (A diferença), de Salif Keïta, responda com suas palavras as questões abaixo:

- a) Após conhecer um pouco mais sobre a vida do cantor Salif Keïta, qual o sentido dos versos “Eu sou um negro/ Minha pele é branca” e “Eu sou branco/Meu sangue é negro”?
- b) Como você relaciona a letra da música à visão que se tem, normalmente, dos povos da África?

2) DIVERSIDADE

DESFILE DE PENTEADOS

Idade

A partir de 4 anos.

Tempo

Duas aulas.

Espaço

Sala de aula, pátio ou jardim.

Material

O livro *As Tranças de Bintou* (de Sylviane Diouf, Ed. Cosac Naify), pentes, escovas, laços, elásticos, tiaras, gel, água, piranhas, grampos, tinta spray de cabelo etc.

Objetivos

Trabalhar a auto-estima e perceber que há beleza em todos os tipos físicos.

Descrição

O livro *As Tranças de Bintou* conta a história de uma menina negra que queria crescer para poder usar tranças como suas parentes mais velhas. Leia a história de Bintou para as crianças e aproveite o gancho para propor a idéia do desfile de penteados. Nesta proposta, cada uma escolhe o penteado que tem vontade de fazer. As crianças devem ser estimuladas a trazer os materiais necessários e a comunidade pode ser convidada a participar da atividade ajudando com a mão-de-obra. Um cabeleireiro pode ser um convidado especial, por exemplo. Depois de feitos os penteados, as crianças desfilam exibindo suas produções para a turma.